

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

### APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar-lhe os dez trabalhos que selecionamos para esse número 06 do volume XI dos Cadernos do CNLF, sobre produção e edição de textos.

Apresentamos-lhe, a seguir, um resumo de cada um deles, pela ordem alfabética de seus títulos, conforme consta no sumário anteriormente apresentado.

No primeiro, Verônica analisa diversos recursos possibilitados pela *coesão textual* para a construção do sentido em charges dos quatro principais jornais do Rio de Janeiro: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia* e *Extra*, fundamentando-se nos conceitos de coesão, de Val (1991 e 2000) e de Charolles (1988); nas noções de significado propostas por Pottier (1978) e na Análise Semiolingüística do Discurso, de Charaudeau (2005).

No segundo, Maria Angélica observa o uso de estratégias de polidez por parte de crianças, no processo comunicativo com adultos, com a finalidade de elaboração de face e analisa textos de agradecimentos escritos por crianças de seis anos, da primeira série do ensino fundamental, em forma de recados e acrósticos, enviados a uma dentista por ter feito palestra na Escola; e um bilhete de uma aluna para um professor que se encontrava doente. Teoricamente, baseia-se na teoria das noções de Goffman (1967) sobre atuação no meio social e de Brown e Levinson (1987) sobre o uso de recursos de polidez na elaboração e preservação de face.

No terceiro, Adriane aborda a importância da crítica textual como recurso a ser utilizado para realizar a edição de textos, em especial os literários, a fim de evitar possíveis deformações ocorridas após a sua primeira elaboração e publicação, lembrando que tais mudanças textuais, muitas vezes, alteram o sentido do texto desses autores, descaracterizando o texto concebido no momento de sua composição. Toma como exemplo a edição de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, com o objetivo de demons-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

trar, comparativamente, as diferenças entre os textos das duas edições.

No quarto, Maria Cristina reflete sobre a importância da Crítica Textual e da Crítica Genética para os estudos da Crítica e Teoria Literárias, tal como a sua relevância para a própria Literatura, concluindo que é preciso nos posicionarmos de maneira mais crítica sobre que edições lemos, quem as fizeram e sob que preceitos e lembrando que Crítica Textual e Crítica Genética vêm demonstrando um elo indissociável entre autoridade e interpretação – aqui entendida como qualquer parecer que se pretende emitir e defender.

No quinto, Isabela Santos analisa a censura militar que estabelecia ‘cortes’, retirando dos espetáculos os elementos que parecessem contrários à ideologia dominante de importantes peças, tomando como *corpus* o texto *Em Tempo no Palco*, de F. Ribeiro Neto, que fora editado seguindo os pressupostos da Crítica Textual, buscando compreender a motivação para o veto a partir do estudo das lexias censuradas e discutindo as relações entre as aceções das lexias e o contexto social, cultural e histórico do qual elas emergem.

No sexto, Andreza e Juliane analisam o discurso liberal abolicionista de dois textos veiculado no jornal *Diário da Bahia*, em 1871 e em 1884, focalizando os argumentos utilizados para sustentar e/ou defender um ponto de vista (favorável ou não) sobre as questões que envolvem o elemento servil.

No sétimo, Arlete reflete sobre as oficinas de textos oferecidas nas escolas da rede pública por estagiários da AEDB, auxiliando, tanto aos alunos que precisam de se formar, quanto aos professores e alunos das escolas da rede pública, melhorando o rendimento escolar dos alunos e produzindo textos que passam a constituir um *corpus* para o estudo da língua. Basicamente, Arlete analisa os processos de elaboração dos textos, das dificuldades na representação da escrita, nos aspectos formais e de conteúdo e

## **TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO**

à busca de hipóteses de soluções para os problemas detectados em relação ao processo ensino/aprendizagem da língua.

No oitavo, a Professora Rosa trata da Filologia Textual, como uma atividade que se destina a preservar o patrimônio cultural escrito de uma dada civilização, recuperando textos que, por sua vez, revelam a memória de um povo e sua cultura. Especificamente, analisa textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura militar, levando-se em conta as peculiaridades do texto teatral, para estabelecer um método de edição e estudo, explorando neles a relação entre texto e memória.

No penúltimo, Josiane analisa características da língua portuguesa na escrita dos índios de Aracruz, a partir da experiência vivida na aldeia Três Palmeiras acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa pelas crianças indígenas, particularmente, no que se refere à escrita, tomando-se como base os princípios de fonética e fonologia.

No último, Ludmila reflete sobre os cortes nos textos teatrais produzidos na Bahia na década de 70 no texto do João Augusto Azevedo, que sofreram a ação da censura em seus diferentes testemunhos. Destacam-se, aqui, os testemunhos de 1974 e de 1977 do texto teatral *Quem não morre não vê Deus*, ambos censurados, na tentativa de interpretar as marcas de modificação autoral, considerando as reformulações processadas do testemunho de 1974 ao testemunho de 1977, observando-se principalmente as marcas que se manifestam como consequência de ação do censor.

Rio de Janeiro, julho de 2008.

*José Pereira da Silva*